

Apresentação

As linguagens de poder no Oriente Médio

THIAGO GEHRE GALVÃO

O Oriente Médio é uma das regiões mais vibrantes do planeta. É um palco protagonico de histórias conectadas, possuidor de elementos culturais milenares que constituem as bases civilizacionais da sociedade global no século 21. É também um entroncamento geopolítico que enreda países do norte e do sul globais em disputas por poder, liderança ideológica e preocupações com a estabilidade e a segurança em múltiplas dimensões (Halliday 2005).

As bases históricas da região remontam à dissolução do Império Turco-Otomano após a Grande Guerra (1914-1918). O acordo de Sykes-Picot (1916) – como um plano de fracionamento do Oriente Médio entre franceses e britânicos – estabelecia zonas de influência e áreas de controle direto destas potências. O Tratado de Sèvres (1920) criou protetorados britânicos e franceses, prevendo uma zona desmilitarizada e de controle internacional ao redor dos estreitos de Bósforo e Dardanelos. Esta dinâmica marcaria a lógica da presença ocidental na região e alimentaria uma grande insatisfação nas sociedades locais em relação à presença estrangeira

Por exemplo, a guerra de independência turca (1919-1923), liderada por Mustafá Kemal Atatürk, procurou frear o ímpeto imperialista europeu, ao mesmo tempo em que sufocou a possibilidade de estabelecimento de um possível Estado curdo. Ajustes que geram desajustes. Populações sem nação e sem território povoam esta região e sofrem com sua invisibilização perante as normas e instituições internacionais.

O desfecho da 2ª Guerra Mundial, com a Resolução 181 das Nações Unidas e a partilha da Palestina em um Estado árabe e um Estado judeu, acendeu o pavio do conflito. A primeira guerra Árabe-Israelense (1948) chancelou a ocupação israelense sobre grande parte do território

palestino, a ocupação egípcia sobre a Faixa de Gaza e da Jordânia sobre a Cisjordânia. A região mergulharia em uma sucessão de conflitos localizados. A Guerra de Suez (1956) foi motivada pela nacionalização do Canal pelo governo de Nasser e o bloqueio à passagem de Israel. A Guerra dos Seis Dias (1967) foi precipitada por um ataque preventivo de Israel contra uma aparente ofensiva árabe, mas que resultou na anexação completa da Palestina, das Colinas de Golã e da Península do Sinai. A Guerra do Yom Kippur (1973), ataque sírio-egípcio contra instalações israelenses, levou à retomada da Península do Sinai pelo Egito. Neste contexto, a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) surge para antagonizar Israel e, sob a liderança de Yasser Arafat, lutar pelo reconhecimento do Estado da Palestina e contra os abusos cometidos por diferentes governos israelenses.

Nos anos 1970, as crises do petróleo alavancaram países como Irã, Iraque e Arabia Saudita, tanto individualmente em seus projetos de poder nacional, como na construção de uma organização capaz de estabelecer um regime internacional na arena energética mundial. A OPEP se tornaria tão importante quanto superpotências por sua capacidade de controlar um dos setores mais estratégicos da economia política internacional.

Dois movimentos complementares tornaram a governança regional fragmentada e super instável. Por um lado, a presença das superpotências em uma lógica de extensão do conflito da Guerra Fria para a periferia. EUA e URSS atuaram tanto alimentando os conflitos com suas máquinas de guerra, como tentando administrar a paz por meio de apoios diplomáticos, acordos de paz ou pelo menos simulacros deles. Dinâmica que se estabelece na atualidade com o apoio russo ao regime de Bashar al Assad na guerra da Síria em oposição aos EUA. Por outro, a eclosão e atores não estatais insatisfeitos com as tratativas diplomáticas e políticas pressionaram por soluções violentas. Hamas e Hezbollah ou mesmo o Estado Islâmico (ISIS) tornaram-se a epitome de um sentimento antiocidentalista que permeia a política, a ideologia e o poder no Oriente Médio. A sua própria existência justificaria uma era de Guerra ao Terror promovida por Washington após os atentados de 11 de setembro de 2001.

A complexidade do xadrez geocultural e político do Oriente Médio região tem no Irã um papel pivotal. Considerado o maior inimigo concreto dos EUA na região, rotulado como um Estado paria, membro do eixo do mal, desde que a Revolução Islâmica em 1979 estabeleceu uma teocracia desafiante da ordem liberal norte-americana. A Guerra Irã-Iraque (1980-88) e as Guerras do Golfo (anos 1990) marcaram uma possível disputa pela hegemonia regional.

Este boletim do LARI se debruça sobre a rivalidade Irã e Arábia Saudita como foco pedagógico para o desenvolvimento de um conjunto de análises sobre temas correlatos e diversos. É neste sentido, material de apoio intelectual e formador de opinião para se decifrar o vocabulário geopolítico sob o qual se assentam as linguagens de poder no Oriente Médio.

Boa Leitura!



Referências

GALVÃO, Thiago Gehre. Responsabilidade sistêmica e o conflito no Oriente Médio. Meridiano 47 n. 102, jan. 2009 [p. 18 a 21]

HALLIDAY, Fred. The Middle East in International Relations: Power, Politics and Ideology. Cambridge University Press, 2005.